

**Lopes Barbosa** – A minha posição é de facto marginal. O contacto com o cinema nasceu no Cineclube do Porto, a primeira oportunidade de fazer filmes surgiu em África, através do Eurico Ferreira, um cineasta radicado em Moçambique e que me convidou a integrar a equipa da Somar Filmes. Fiz inúmeros documentários até que, por necessidade de denúncia da realidade colonial e para tentar atingir o próprio público negro, fiz o *Deixem-me ao Menos Subir às Palmeiras...* Fi-lo com muitas dificuldades, com perseguições da PIDE/DGS e o resultado foi um filme que nunca chegou a ser exibido em Lourenço Marques. O que me causa espanto é que em Portugal o filme também nunca foi exibido, mesmo depois do 25 de Abril, salvo casos pontuais e agora neste Ciclo. Desde aí que a minha situação tem continuado a ser marginal. Faço só cinema publicitário e acho que qualquer cineasta que não viva em Lisboa tem poucas hipóteses de fazer cinema em Portugal. Não estou a fazer nenhuma acusação, mas isto é um facto, e é com pesar que chego a esta conclusão. O cinema português, por razões económicas e sociais, está centralizado em Lisboa, mas creio que é muito importante que haja cinema que não seja só dos cineastas de Lisboa. É possível que em outras partes do país haja vocações cinematográficas e é pena que não se realizem por falta de meios. E os meios que há, não são por vezes canalizados mercê de uma certa disputa nos círculos do cinema português.

Testemunho de Joaquim Lopes Barbosa no colóquio de encerramento do Ciclo "Cinema Novo Português", que teve lugar na Cinemateca em abril de 1985. A transcrição do colóquio foi publicada no catálogo do Ciclo, editado em setembro do mesmo ano.